

# Arte Comentada 3

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

# Arte Comentada 3

Ivan Vale de Sousa  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora

Ano 2020

### **Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

### **Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Barão

### **Bibliotecário**

Maurício Amormino Júnior

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima

Luiza Batista 2020 by Atena Editora

Maria Alice Pinheiro Copyright © Atena Editora

**Edição de Arte** Copyright do Texto © 2020 Os autores

Luiza Batista Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Revisão** Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora

Os Autores pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

#### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

#### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

#### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### Conselho Técnico Científico

- Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof<sup>a</sup> Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof<sup>a</sup> Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Prof<sup>a</sup> Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Prof<sup>a</sup> Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof<sup>a</sup> Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Prof<sup>a</sup> Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco

Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis  
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecário:** Maurício Amormino Júnior  
**Diagramação:** Luiza Batista  
**Edição de Arte:** Luiza Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizador:** Ivan Vale de Sousa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

A786 Arte comentada 3 [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-5706-227-2  
DOI 10.22533/at.ed.272202407

1. Arte – Crítica e interpretação. 2. Arte – Filosofia. I. Sousa, Ivan Vale de.

CDD 707

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

A arte, neste e-book, dá textura e compõe os sentidos que estão presentes em cada um dos capítulos, comentados e discutidos por seus autores, reafirmando a necessidade de existência da arte. A arte constitui-se na experiência dos sujeitos com a obra e da obra com seus apreciadores, pois todos nós temos uma relação de aproximação com o fazer artístico como representação das atitudes humanas.

É preciso compreender quantos segredos podem ser descobertos em cada modalidade artística e quantas artes podem ser comentadas. A arte nos possibilita viajar sem que saíamos do lugar de origem, ela nos envolve em um processo de planejamento, apreciação, produção e análise, pois as redes de saberes artísticos inserem os sujeitos em um processo contínuo de investigação.

A arte constitui-se a partir de um objeto artístico em que tal objeto pode ser interpretado pelo olhar do observador, pois a reconstrução interpretativa de cada obra de arte é única, nenhum olhar é igual ao outro ao observar as nuances, os sentidos e os sentimentos que as obras de arte possibilitam. O que seria de nós sem o papel essencial da arte?

Desde a pré-história, já nas chamadas pinturas rupestres, percebemos que as marcas artísticas vêm sendo adaptadas aos contextos de utilização. Embora como muitos pensam a arte não tem apenas o poder de encantar, mas também de problematizar questões e propor as soluções para os contextos comunicativos, poéticos e estéticos.

As linguagens artísticas exigem planejamento para sua execução e podem ser percebidas tanto no teatro, na dança, nas artes visuais, nas artes cênicas quanto na música. Assim, a arte é vista como experiência e a principal e maior vivência artística está na constituição do texto em que os saberes poéticos e estéticos são e podem ser compartilhados nas possibilidades contextuais.

Todos os capítulos que dão forma a este e-book trazem os leitores para os contextos mágicos, eficazes e necessários possibilitados pela arte. Com isso desejamos excelentes reflexões e que o colorido dos trabalhos os auxilie na coloração do mundo desbotado, pois a experiência da arte fortalece-se, reconstrói-se e estabiliza-se na instabilidade de olhares apreciativos atento às pinceladas, aos passos marcados, às feições, aos sons e ao deslizar da caneta no papel tornando o texto uma prosa poética, artística e iluminada no palco da existência.

Ivan Vale de Sousa

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....   | <b>1</b>  |
| A HISTÓRIA DA ARTE, A OBRA DE ARTE E A FASCINANTE REALIDADE DA AMBIGUIDADE VISUAL.                        |           |
| Sandra Makowiecky   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.2722024071</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....   | <b>16</b> |
| ELA É: UMA PERFORMANCE <i>DRAG</i> COMO EXERCÍCIO ARTÍSTICO-POLÍTICO                                      |           |
| Lívia Rocha Helmer  |           |
| Reyan Perovano  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.2722024072</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....   | <b>24</b> |
| O QUE É NECESSÁRIO PARA SE FAZER UMA FOTOGRAFIA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL |           |
| Cristiane Martins   |           |
| Rossano Silva   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.2722024073</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 4</b> .....   | <b>34</b> |
| ESPOSAS, MARIDOS E CASAMENTOS: O DES(AMOR) COMO SIGNIFICADO NA ARTE CONTEMPORÂNEA                         |           |
| Natasha Satiko Miamoto  |           |
| João Paulo Baliscei   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.2722024074</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 5</b> .....   | <b>48</b> |
| MULHER-MARAVILHA: REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL NA CINEMATOGRAFIA   |           |
| Gabriella Maidana de Mello Miranda Gonçalves  |           |
| Claudia Priori  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.2722024075</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 6</b> .....   | <b>61</b> |
| CRAVO BRASILEIRO, COM CERTEZA   |           |
| Rosana Lanzelotte   |           |
| Carlo Arruda  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.2722024076</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....   | <b>72</b> |
| DESENHO DE MEMÓRIA NA DEFICIÊNCIA VISUAL  |           |
| Ivan Vale de Sousa  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.2722024077</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 8</b> .....   | <b>82</b> |
| O ENCONTRO E A FUGA DA CIÊNCIA E DA FICÇÃO CIENTÍFICA NO CINEMA NACIONAL E NA HISTÓRIA DO POVO BRASILEIRO |           |
| Vitor de Almeida Sawaf  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.2722024078</b>  |           |

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 9</b> .....   | <b>94</b>  |
| REFLEXÕES SOBRE A INFLUÊNCIA DE FATORES CULTURAIS NOS PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM MUSICAL DE PROFESSORES           |            |
| Lisiane Mari de Souza Mendes  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.2722024079</b>  |            |
| <b>CAPÍTULO 10</b> .....  | <b>105</b> |
| A MÚSICA E O CÉREBRO EXECUTIVO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL  |            |
| Maria Clotilde H. Tavares   |            |
| Sandra F. C. Dourado Freire   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.27220240710</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 11</b> .....  | <b>117</b> |
| HETEROGÊNESE EM DISPOSITIVOS FOUCAULTIANOS NA EXPERIMENTAÇÃO COM ARTE E TECNOLOGIA                                      |            |
| Leonardo da Silva Souza   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.27220240711</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 12</b> .....  | <b>130</b> |
| EXEMPLOS DE <i>EPIZEUXIS</i> EM JOSÉ JOAQUIM EMERICO LOBO DE MESQUITA   |            |
| Eliel Almeida Soares  |            |
| Rubens Russomanno Ricciardi   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.27220240712</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 13</b> .....  | <b>143</b> |
| AS REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA (IM)PERFEITA NAS VISUALIDADES DA ARTE CONTEMPORÂNEA:UM ESTUDO INICIAL SOBRE REPRESENTAÇÕES |            |
| Natasha Satico Miamoto  |            |
| João Paulo Baliscei   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.27220240713</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 14</b> .....  | <b>151</b> |
| ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A OBSERVAÇÃO E A PARTICIPAÇÃO COMO RITMISTA   |            |
| Michele de Almeida Rosa Rodrigues   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.27220240714</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 15</b> .....  | <b>158</b> |
| <i>ANIMALIS IMAGINIBVS</i> – (AS)SIMETRIAS ENTRE ARTE E CIÊNCIA NA OBRA DE MAURO ESPÍNDOLA                              |            |
| Daniela Remião de Macedo  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.27220240715</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 16</b> .....  | <b>167</b> |
| RE-TRATO FEMININO   |            |
| Maria de Fátima Gonzaga   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.27220240716</b>   |            |

|   |            |
|---|------------|
| <b>CAPÍTULO 17</b> .....  | <b>175</b> |
| UM <i>PODCAST</i> MUSICADO E SEU USO COMO RECURSO INTERDISCIPLINAR                                    |            |
| Thércio Lima Menezes  |            |
| Paulo Roberto Affonso Marins  |            |
| Eloisa Assunção de Melo Lopes   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.27220240717</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 18</b> .....  | <b>185</b> |
| OBSERVADORES EFÊMEROS E IMAGEM-SINTOMA EM PETER BRUEGHEL: UMA CONEXÃO COM GEORGES DIDI-HUBERMAN       |            |
| Ilma Guideroli  |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.27220240718</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 19</b> .....  | <b>192</b> |
| ANÁLISE DO MAXIXE “DUETO DE LUMINÁRIAS E DIABO”: COPLA PARA CANTO E PIANO DA MÁGICA - A BOTA DO DIABO |            |
| Renata Freitas Borges   |            |
| Flávio Cardoso Carvalho   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.27220240719</b>   |            |
| <b>CAPÍTULO 20</b> .....  | <b>204</b> |
| A TRAJETÓRIA DE JEAN ROUCH E UMA ANÁLISE DO FILME <i>A PIRÂMIDE HUMANA</i>                            |            |
| Eduardo Antonio Ramos Silva   |            |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.27220240720</b>   |            |
| <b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....  | <b>213</b> |
| <b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....   | <b>214</b> |

## OBSERVADORES EFÊMEROS E IMAGEM-SINTOMA EM PETER BRUEGHEL: UMA CONEXÃO COM GEORGES DIDI-HUBERMAN

*Data de aceite: 01/07/2020*

### **Ilma Guideroli**

Mestre em História da Arte com a pesquisa “Natureza Morta, de Susana de Sousa Dias: Políticas e Ritornos da Imagem” (Unifesp, 2020). Mestre em Artes Visuais com a pesquisa “Entre Mapas, entre espaços: itinerários abertos” (Unicamp, 2010). Graduação em Educação Artística (Unicamp, 2008).

**RESUMO:** O presente trabalho se propõe a analisar algumas obras de Peter Brueghel, “O Velho” (1525-1569), no que tange especificamente aos indivíduos que se situam em primeiro plano nas paisagens. Ao questionar a presença dessas figuras que irrompem no espaço pictórico de maneira efêmera e distanciada, apresentamos reflexões acerca das mudanças na concepção de paisagem ao longo do século XVI, abarcando assim outras visões e percepções de mundo, o que nos levará então a traçar uma conexão com a noção de imagem-sintoma, a partir de escritos do filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman (1953).

**PALAVRAS-CHAVE:** Brueghel; Didi-Huberman; Pintura Renascentista; História da Arte; Imagem-Sintoma.

**ABSTRACT:** The present work proposes to analyze some works by Peter Brueghel, “The Elder” (1525-1569), with regard specifically to individuals who are in the foreground in landscapes. When questioning the presence of these figures that break into the pictorial space in an ephemeral and distant way, we present reflections on the changes in the concept of landscape throughout the 16th century, thus encompassing other visions and perceptions of the world, which will then lead us to draw a connection with the notion of image-symptom, based on the writings of the philosopher and art historian Georges Didi-Huberman (1953).

**KEYWORDS:** Brueghel; Didi-Huberman; Renaissance Painting; Art History; Image-Symptom.

## 1 | INTRODUÇÃO: BRUEGHEL E SUA ÉPOCA

Peter Brueghel, “O Velho”<sup>1</sup>, viveu na região de Flandres – atual Bélgica – e foi um dos mais representativos pintores flamengos do Renascimento durante o período conhecido como *Cinquecento*<sup>2</sup>. Profundo observador dos costumes e das cenas cotidianas, pintou paisagens, cenas populares e sátiras que envolviam aspectos morais e religiosos. Em uma atmosfera de cotidianidade, representou diversos rituais da vida na aldeia, incluindo a agricultura, a caça, as refeições, as celebrações, as brincadeiras, a morte etc. Todas as figuras representadas – desde o lenhador ao menino Jesus – partilham os mesmos espaços, vestem trajes semelhantes e levam uma vida simples e ordinária, sem qualquer hierarquia, portanto. Brueghel desenvolveu em suas obras descrições minuciosas e extremamente detalhadas tanto do modo de vida de sua época quanto dos aspectos específicos das paisagens, conforme afirma o filósofo francês Jean-Marc Besse:

As paisagens de Brueghel falam do mundo humano na riqueza dos seus detalhes corográficos e topográficos: cidades, aldeias, castelos, rios, montanhas, florestas, campos cultivados, pássaros, mas também na diversidade dos modos de utilização do espaço terrestre pelo ser humano: rebanhos guardados por pastores, semeador no campo arado, navios de diferentes tamanhos, carroças puxadas por cavalos, camponeses, mercadores, soldados e peregrinos são distribuídos na sucessão rigorosa dos planos do panorama diante do qual o espectador está situado. Pela reunião destes objetos sob o olhar, a paisagem se faz imagem do mundo, experiência visual do mundo terrestre. O mundo, mas também as diversas atividades humanas, bem como os tipos de investimento no espaço terrestre que as exprimem (o comércio, a agricultura, a guerra), se desdobram enciclopedicamente sob nossos olhos, como este vasto anfiteatro de que fala Plínio, o Jovem, aberto para as lonjuras (BESSE, 2006, p. 31).

Parece importante, aqui, situar brevemente o contexto da época em que viveu o pintor, no período de transição entre a idade Média e o início da era Moderna. Além de todas as epidemias e pragas que vitimavam milhares de pessoas – a ciência dava seus primeiros passos em direção ao que viria a se chamar a revolução científica do século XVII –, havia ainda as inúmeras guerras religiosas e políticas. Na visão popular, Deus era visto como uma espécie de juiz temerário, disposto a aplicar “castigos divinos” como punição aos vícios da humanidade. Também a partir do século XVI ocorre uma mudança quanto à percepção do universo, que passa a ser compreendido como infinito, graças às grandes navegações e à descoberta de novos mundos.

É necessário sobretudo marcar o seguinte ponto: é aí que surge a figura do homem moderno, que se percebe só e precisa orientar-se neste novo e desconhecido mundo.

---

1. O termo “O Velho” é usado para diferenciá-lo de seu filho, que também era pintor e ficou conhecido como Brueghel, “O Jovem” (1564-1636).

2. É importante ressaltar que não é possível abordar o Renascimento em toda a sua complexidade, pois foi um período de longa duração, entre os séculos XIV e XVI, que abarcou praticamente por inteiro o continente europeu. Entretanto, cabe salientar que foi durante o *Cinquecento* – considerado sua terceira e última fase, sucedendo o *Trecento* e o *Quatrocento* – que se cristalizaram ideais que caracterizam todo o movimento renascentista: a noção de autonomia da arte, a emancipação do artista de sua condição de artesão e equiparação ao cientista e ao erudito, a busca pela fidelidade à natureza, o conceito de gênio. Foi também nessa fase que houve uma fusão maior de temas profanos com religiosos, a forte presença do humanismo nas artes e a expansão para países como Holanda, Alemanha e França, entre outros.

Esse indivíduo moderno passa então a ter autonomia para pensar: reflete antes de tomar suas decisões, sobre si e sobre seu próprio destino.

## 2 | PAISAGEM E CARTOGRAFIA

Ao longo do século XVI, o sentido da palavra paisagem estava sendo amplamente problematizado e discutido de acordo com Jean-Marc Besse (2006). A cartografia e as representações artísticas de paisagem partilhavam do mesmo vocabulário, uma vez que “[...] o olhar do pintor e o olhar do cartógrafo não são então separados, mesmo que eles não se confundam” (2006, p. 19). Tendo como objetivo principal fazer leituras cada vez mais complexas e minuciosas da paisagem, variadas áreas do saber – arquitetura, filosofia, literatura, geografia, física etc – partilhavam a atenção em comum dada aos signos do mundo, dialogando tanto por atitudes cognitivas quanto por competências visuais. Não havia desse modo uma distinção clara e separada, sendo que muitos artistas foram responsáveis pela confecção de mapas e vistas topográficas, por exemplo.

Se até o medievo a paisagem era encarada enquanto vista abarcada por um sujeito, ao longo do século XVI passa a ser compreendida também como espaço subjetivo da existência, ligada diretamente ao território e à geografia. Os mapas medievais contavam uma história, sempre na tentativa de inserir o observador nos discursos da criação do mundo, resultado de uma Gênese. Segundo Besse, há um dispositivo paradoxal na virada para o ato cartográfico moderno, que passa a compreender a Terra simultaneamente como um Todo e como um espetáculo. O sujeito passa então a ser espectador e ator ao mesmo tempo, a estar interior e exterior à cena: teatralidade, portanto.

As obras de Brueghel encontram-se inseridas nesse paradoxo presente no dispositivo teatral. É possível notar, ao longo de sua obra, um esquema em que a tela é dividida em dois planos. No primeiro plano, a paisagem é observada de um ponto de vista elevado em relação ao segundo plano, por sua vez aberto e panorâmico, mostrando tanto detalhes da paisagem quanto dos indivíduos inseridos e relacionando-se nesses espaços, seja exercendo alguma atividade de trabalho, de lazer ou de descanso. Tal observação distanciada a partir do primeiro plano está relacionada a uma espécie de atividade contemplativa filosófica que ia para além do mero descanso, ideia advinda dos humanistas, encontrada nas descrições de paisagens expressas nas cartas escritas por Plínio, o Jovem, e nos escritos de Cícero, por exemplo:

Uma *villa* retirada no campo oferece ao humanista mais do que os prazeres simples de uma vida rural protegida das ilusões da cidade. Ela não é somente a tentativa de preservar uma forma de *urbanidade* nos jogos e nos divertimentos virtuosos de que o campo é teatro. Enfim, ela não é somente o cenário de um retiro para o estudo, dedicado à leitura e à observação da natureza. Nela se exprime um ideal de repouso meditativo, no qual o ser humano pode se apoderar das relações secretas que o unem ao *cosmo*, e sentir sua existência, por assim dizer, justificada (BESSE, 2006, p. 28, grifos do autor).

### 3 | OS OBSERVADORES

Na tentativa de aprofundar questões relacionadas a esses observadores situados no primeiro plano, elencamos as seguintes obras de Brueghel: as três gravuras que fazem parte da série *Grandes Paisagens* produzidas antes de 1560 – *As preocupações de um país* (1552), *Soldados em repouso* (1555-56) e *Vista de Tivoli* (1555-56) –; e a pintura *Censo em Belém* (1566), da série *Paisagens de Inverno*, concebida cerca de uma década após as gravuras mencionadas.

No caso da série *Paisagens de Inverno*, cabe mencionar sua grande relevância, pois tratam-se das primeiras representações da estação do ano enquanto pintura de paisagem. Nos cinco quadros da série – *Adoração dos reis na neve* (1557), *Caçadores na neve* (1565), *Paisagem do inverno com patinadores e uma armadilha de pássaro* (1565), *Censo em Belém* (1566) e *O massacre dos inocentes* (1565-66) –, é possível observar que a luz não vem de nenhum ponto específico, e a neve que cai tudo cobre. Ambos – a luz e a neve – criam uma espécie de véu, gerando uma atmosfera de estranhamento e distanciamento ao observador. O tempo é impreciso e suspenso, pois não é possível saber se é manhã, tarde ou noite; céu e chão têm tonalidades e cores bem semelhantes.

Esses observadores, destacados em cada uma das imagens escolhidas, o que podemos dizer sobre eles? É possível afirmar que carregam alguma novidade? Primeiramente, atentaremos para o fato de serem indivíduos que se mostram na maioria das vezes de costas ou de perfil, ou ainda com o rosto encoberto: ou seja, são desconhecidos. Apesar de inseridos na paisagem, se mantêm a alguma distância, e com isso conseguem obter visões panorâmicas. Encontram-se nas bordas, nos limites mesmo do enquadramento, possibilitando que se retirem facilmente da cena a qualquer momento. São seres quase invisíveis, prestes a desaparecer, algo fantasmagóricos. Besse, tecendo reflexões acerca dos olhares que esses indivíduos lançam à paisagem, nos fornece algumas pistas:

Deve-se considerar estes personagens como delegados do espectador e do seu olhar dirigido para o mundo terrestre. Mais precisamente, deve-se compreender estes personagens como representantes de um pensamento do que é o mundo e do que é a visão possível do mundo... Quem são de fato estes observadores, que colocam a questão do olhar que deve ser lançado sobre a Terra? Quais são suas ocupações? São soldados, peregrinos, viajantes; eles não vêm do lugar onde eles olham, eles ali chegam; tampouco eles moram ali, eles passam (BESSE, 2006, p. 31).

Ao que tudo indica, parecem mesmo serem viajantes, estrangeiros que estão de passagem. São flagrados em momentos de descanso, não exercem nenhuma atividade de trabalho ou lazer e podem, ainda que momentaneamente, escapar das relações cotidianas e colocarem-se sob um ângulo de visão privilegiado, e assim perceber melhor o espaço como um todo. Mas sobretudo observam e parecem não serem notados pelos indivíduos que se encontram imersos em suas atividades.

Essas figuras carregam algo de misterioso, seja pelas posturas (sentado, apoiado

ou caminhando), seja pelos elementos que portam (cajado, sacola, chapéu). Solitários e pensantes, podem ser percebidos ainda enquanto andarilhos, indivíduos que não mantêm vínculos com posses territoriais, que estão à margem da sociedade, sem raízes ou pertencimentos, e que vivem em constante deslocamento.

#### 4 | A IMAGEM-SINTOMA

Buscaremos, a partir das características e singularidades elencadas acerca dos observadores efêmeros brueghelianos, avançar na direção de uma reflexão sobre tais indivíduos tendo como mote uma certa ideia de imagem-sintoma. O termo sintoma é sem dúvida complexo e talvez até mesmo polêmico. Para tanto, faz-se necessário uma compreensão mais aberta e generosa da ideia de sintoma, algo mais flutuante e mais paradoxal, na tentativa de encará-lo para além de seu uso tão somente ligado à ciência médica, ou seja, culminando em um diagnóstico.

Nossa abordagem se dará aqui por meio das reflexões do filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman, advindas de seus escritos sobre autores como Sigmund Freud, Aby Warburg e Carl Einstein. Didi-Huberman, na tentativa de apropriar-se do termo para a análise de obras de arte, procurou compreender e ampliar a noção de sintoma para além do vocabulário estritamente semiológico ou vinculado à medicina. Trata-se de uma tomada de posição do autor frente às metodologias tradicionais aplicadas à análise de obras de arte, confrontadas, nesse caso, com os paradoxos abertos pelas potências fantasmáticas e imanentes das imagens. Didi-Huberman oferece-nos pistas e hipóteses para que seja possível rastrear e trabalhar sob uma condição sintomal da imagem, por meio de seus movimentos singulares e de suas invisibilidades.

O próprio autor admite se tratar de uma palavra de difícil apreensão e definição, já que não designa uma coisa isolada e nem mesmo um processo que poderia ser reduzido a um ou dois vetores ou a um preciso número de componentes. É, antes, uma espécie de dinâmica de pulsações estruturais que ele vai nomear “gangorra eterna”, ou seja, uma pulsão oscilatória onde instâncias atuam umas sobre as outras na tensão e na polaridade, produzindo “[...] marcas com movimentos, latências com crises, processos plásticos com processos não-plásticos, esquecimentos com reminiscências, repetições com contratempos” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 243).

Como hipótese para compreender o sintoma na chave dos estudos visuais, Didi-Huberman traça um paralelo com as ideias de aparição e de anacronismo. A aparição seria o paradoxo visual, em que o sintoma sobrevém e desaparece inesperadamente, gerando uma interrupção, uma cisão sob o curso normal das coisas. O anacronismo, por sua vez, seria o paradoxo temporal, em que o sintoma surge a contratempo, como algo que pode retornar depois de muito tempo, por exemplo. Enquanto a aparição interrompe o curso da representação, o anacronismo interrompe o curso da história cronológica.

Em ambos os casos, é preciso que se pense de uma forma não-trivial, abrindo caminhos para certa condição inconsciente – isto é, para além do tipicamente representacional e histórico –, levando em consideração essas fissuras capazes de irromper quando tais paradoxos são assumidos. Didi-Huberman destaca assim a complexidade de tempos heterogêneos e distintos presentes em um dado objeto histórico, que, ao se encontrarem, inevitavelmente colidem, se fundindo, se bifurcando e mesmo se confundindo. Ele questiona: “Mas o que é um sintoma senão precisamente a estranha conjunção dessas duas durações heterogêneas: a abertura repentina e a aparição (arrebatamento) de uma latência ou de uma sobrevivência (ilhota de imobilidade)?” (DIDI-HUBERMAN, 2015a, p. 46).

No caso das figuras de Brueghel – os observadores efêmeros –, elas provocam certo estranhamento por algumas hipóteses já mencionadas: são desconhecidos que estão de passagem, mantêm certa distância e ocupam o limite do enquadramento. Na ideia de imagem-sintoma, que busca analisar as imagens sempre de acordo com suas singularidades, os paradoxos da aparição (visual) e do anacronismo (cronológico) podem quem sabe nos ajudar a iluminar algo mais e enriquecer nosso olhar diante dos indivíduos retratados por Brueghel.

## 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que essas figuras só podem ser tratadas em um lugar de pensamento que flutua entre o saber e o não-saber. O estranhamento gerado pelo encontro do olhar sensível com o olhar visível. Uma vez que nos colocamos diante de uma imagem, isso causa incertezas que nos convocam a tentar pensar de outras maneiras. Irrupendo nas cenas como pequenos lampejos, ou mesmo como vaga-lumes – para usar um termo do próprio Didi-Huberman –, esses indivíduos podem talvez nos apontar algo que está presente nas imagens, ainda que de algum modo escondido ou mesmo invisível? Diríamos que sim, pois são esses indivíduos que nos fazem relançar e seguir tentando melhor circunscrever uma questão fundamental: como conseguir enxergar? Eles são precisamente, essa pergunta, eles a expressam.

É fundamental lançar um olhar mais demorado e mesmo mais generoso para as imagens, no intuito de perceber seus detalhes. Não se trata aqui de uma tentativa de discerni-los, nomeá-los ou ainda categorizá-los a qualquer custo, mas, antes, voltar-se ao puro acontecimento que o encontro com as mesmas pode provocar, potencializando e dando assim a ver certa invisibilidade que cintila.

Arriscamos então afirmar que os viajantes efêmeros e desconhecidos de Brueghel podem indicar outras perspectivas de olhares possíveis, uma vez que, por se tratarem de personagens que aparecem de maneira fugidia, limítrofe e mesmo fantasmagórica,

carregam em si um mistério que está para além do que podemos apreender pelas vias da representação e da história cronológica. São imagens-sintoma que não nos oferecem respostas, mas traçam outros caminhos possíveis através das fissuras que se abrem e que, imprevisivelmente, apesar de tudo, acabam por retornar.

## REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. *Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*. Tradução: Vladimir Bartalini. São Paulo: Perspectiva, 2006.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente – História da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Diante do tempo: história da arte e anacronismo das imagens*. Tradução: Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015a.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Invenção ha histeria: Charcot e a iconografia fotográfica de Salpêtrière*. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015b.

### Links

<http://warburg.chaa-unicamp.com.br/artistas/view/759> Acesso em 12 Jul 2018.

<https://www.google.com/culturalinstitute/bruegel/> Acesso em 14 Jul 2018.

<https://www.suapesquisa.com/renascimento/fases.htm> Acesso em 14 Jul 2018.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Agenciamento Criativo 117, 120, 128

Ambiguidade Visual 1, 5, 13

Análise Musical 130, 202

Andragogia 94, 95, 96, 97, 103, 104

Aprendizado Musical 105, 109, 110, 111, 114

Arte 2, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 18, 21, 25, 28, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84, 96, 99, 103, 117, 130, 132, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 185, 186, 189, 191, 196, 202, 203, 207, 212, 213

Artes Visuais 35, 48, 73, 74, 159, 185

### B

Biogravura 158, 160, 162, 166

Borboleta 158, 162

### C

Ciência 2, 3, 6, 15, 80, 82, 83, 84, 85, 87, 92, 96, 103, 106, 115, 121, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 177, 180, 182, 186, 189

Cinema 34, 35, 48, 49, 55, 56, 57, 60, 73, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 91, 93, 144, 205, 207, 212

Cognição 105

Compositores Brasileiros 61, 66, 68, 69, 70, 193

Corpo 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 27, 40, 44, 55, 57, 59, 60, 88, 106, 107, 108, 120, 122, 124, 127, 128, 129, 163, 164, 167, 168, 169, 174

Cravo Brasileiro 61, 66, 69

Cravo no Brasil 61

Cultura Visual 12, 14, 24, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 143, 144, 145, 146, 148, 149, 150

### D

Deficiência Visual 72, 73, 74, 77, 80

Desenho 21, 23, 25, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 164, 172

Desenvolvimento 2, 24, 25, 26, 38, 73, 74, 76, 80, 95, 98, 100, 101, 102, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 132, 145, 146, 153, 156, 159, 174, 177, 178, 179, 205

Dispositivo 8, 73, 117, 119, 120, 121, 122, 124, 127, 128, 129, 187

Drag 16, 17, 18, 19, 20, 21

## E

Educação 24, 33, 47, 48, 75, 77, 80, 94, 100, 102, 103, 104, 116, 143, 144, 145, 148, 150, 157, 183, 185, 213

Educação Musical 94, 95, 97, 102, 103, 104, 178

Epistemologia 1

Epizeuxis 130, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141

Estudos Culturais 34, 35, 36, 143, 144, 146, 148, 149, 150

Experiências 5, 17, 27, 29, 31, 32, 38, 67, 72, 74, 76, 77, 78, 80, 85, 87, 106, 108, 129, 143, 146, 148, 156, 176, 194, 206, 211

## F

Família 36, 37, 42, 49, 79, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 170, 173

Feminismo 23, 46, 48, 54, 55, 60

Formação 4, 25, 26, 33, 56, 77, 85, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 145, 146, 149, 157, 159, 163, 167, 176, 195, 202

Fotografia 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 43, 44, 73, 91

Funções Executivas 105, 106, 107, 108, 109, 113, 114, 115

## G

Gênero 17, 18, 19, 23, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 52, 67, 82, 84, 85, 87, 88, 91, 93, 124, 147, 149, 150, 168, 192, 193, 194, 196, 197, 198, 202

## H

Heterogênese 117, 120, 127, 128, 129

História da Arte 1, 2, 3, 5, 6, 12, 13, 14, 15, 167, 170, 174, 185, 191

## I

Identidade 6, 19, 23, 35, 42, 43, 46, 74, 82, 104, 147, 150, 163

Imagem 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 35, 56, 59, 60, 74, 79, 122, 144, 146, 148, 150, 164, 168, 170, 173, 174, 185, 186, 189, 190, 191

Infância 10, 99, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 113, 115, 181

Inquietações 1, 2, 25, 147, 197

Inteligência Musical 94, 95, 98, 99, 102

## M

Memória 6, 70, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 80, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 194

Metamorfose 158, 162

Mulher-Maravilha 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Musica Colonial Brasileira 130

## O

Olhar 6, 12, 14, 24, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 55, 56, 57, 73, 101, 134, 146, 149, 153, 166, 167, 168, 186, 187, 188, 190

## P

Patriarcado 48, 59

Política 16, 17, 19, 23, 50, 149, 197, 205, 209

Professores 31, 33, 66, 79, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 144, 145, 154, 172, 178

## R

Representação 5, 13, 17, 19, 28, 34, 35, 36, 39, 40, 48, 50, 54, 55, 57, 59, 84, 164, 167, 168, 169, 170, 172, 189, 191

Retórica Musical 130

## S

Séculos 20 e 21 61

Simetria 19, 158, 162, 163, 164

## V

Visualidades 26, 27, 28, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 46, 72, 73, 77, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150

# Arte Comentada 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020

# Arte Comentada 3

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](#) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

Atena  
Editora

Ano 2020